

## **A arte de contar histórias: uma reflexão sobre o evento para gostar de ler no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**

Avandelson Ferreira da Silva<sup>1</sup>  
Ionara Magalhães Melo

Jany Rodrigues Prado<sup>2</sup>

### **RESUMO:**

O presente artigo é parte do projeto do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da UNEB Campus XII, envolvendo a arte de contar histórias no evento “Para Gostar de Ler” do programa Pacto Nacional pela alfabetização na idade certa. Nosso objetivo principal é conhecer e analisar como acontece o processo de narração de histórias em uma turma de 1º Ano do Pacto e ainda, entender como a arte de contar histórias desperta o gosto pela leitura nas crianças; analisar como o professor promove a narração das histórias infantis no evento “Para gostar de ler” no programa Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa em sala de aula; conferir se os elementos que ornamentam a sala de aula possibilitam a ligação entre os símbolos narrados das histórias infantis; investigar se o professor usa a narração de histórias de forma prazerosa na prática pedagógica. Inicialmente foi feito um levantamento das várias formas, ou da arte de contar histórias que podem ser exploradas pelo educador despertando o deleite nas crianças. No segundo momento ressaltaremos sobre o Pacto, e a nossa experiência com o evento “Para Gostar de Ler” em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental I. Ao longo do trabalho é possível perceber a importância do ato de contar e ouvir histórias desde que esta aconteça de forma prazerosa, despertando nas crianças as mais variadas sensações, descobertas, e aprendizagens sem necessariamente forçar determinados conteúdos, recorreremos a autores como Abramovich (1991), Busatto (2003), Coelho (1989), Lakatos (2010), Brasil (2011) entre outros.

**PALAVRAS-CHAVES:** Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa; Narração de histórias; Deleite.

### **5. JUSTIFICATIVA**

Ouvir histórias na infância é de suma importância para a formação da criança, já que é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é compreender não só as histórias escritas,

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Pedagogia- UNEB Campus XII.

<sup>2</sup> Docente do curso de Pedagogia da UNEB Campus XII.

mas também uma infinidade de acontecimentos do mundo que a circunda. Contando histórias, preparamos as crianças para vivenciarem com mais segurança suas próprias dificuldades ou encontrar um caminho para sua resolução. É através delas que se pode sentir e viver importantes emoções como: alegria, a raiva, a tristeza, a tranquilidade e tantas outras, e se deleitar em tudo o que as narrativas provocam.

Despertamos nosso interesse por essa temática, a partir da experiência de intervenção no Estágio nos anos Iniciais do Ensino Fundamental, do curso de Pedagogia pela UNEB – Campus XII, no ano de 2014, em uma turma de 1º Ano da Escola Municipal Rômulo Almeida, que tinha como proposta de orientação de ensino e aprendizagem o “Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa”. A partir dessa experiência, resolvemos explorar em nosso Projeto o evento denominado “gostar de ler”, que têm por principais características propiciar às crianças o contato com a literatura infantil e vivenciar a narração de histórias tendo o professor como modelo de leitor.

Assim como as crianças, considerávamos o momento “para gostar de ler”, um momento mágico, encantador, que desencadeou a inquietude de pesquisar sobre a narração de histórias. Queremos tecer uma reflexão sobre a importância das narrativas infantis como deleite para os alunos, explicar a importância desse momento para o Pacto e como a professora conduz o momento.

Além de buscar fundamentar algumas observações sobre o espaço de vivência que representa a sala de aula no que se referem à estrutura física, os elementos simbólicos que ritualizam o momento, desde cartazes que enfeitam a sala às luzes ou o clima da sala de aula no desenvolver dessa atividade.

Nessa direção, Coelho (1997) afirma:

A Literatura Infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/ impossível realização... (p. 24)

Podemos considerar que a literatura entra na vida da criança como um elemento impulsionador e construtor de pilares que vão aguçar a sua interpretação do mundo, que mesmo fantasiosa encaminha-o para iluminar a mente e a vida, mediante, a possibilidade de novas descobertas ligando o sujeito com os objetos que esta sua volta.

Com isso, nos é permitido fazer algumas perguntas: como o processo de compreensão acontece? Por quais veredas as palavras narradas quer elevar a imaginação da criança?

É extremamente importante a utilização e compreensão das histórias infantis, pois elas irão trazer novos elementos para vida da criança no que exemplifica Abramovich (1991) que para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz, como se conta a história. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a sonoridade das frases, dos nomes...; É ouvindo histórias que as crianças constroem o mundo das ideias abstratas, vivenciam experiências que enriquecem o seu conhecimento real e povoam a sua imaginação com elementos da fantasia. Ao contar uma história, o professor tanto da Educação Infantil como nos Anos Iniciais, precisa ter sensibilidade e empatia com o público. O contador de histórias deve transmitir o seu sentimento, deve estar totalmente envolvido pela história para expressar toda a sua profundidade.

Nessa perspectiva, vamos dialogar com alguns documentos do Pacto pela Educação na Idade Certa, pois precisaremos entender como o próprio Pacto descreve esse momento na sua rotina diária de aulas para as crianças.

Por fim, esperamos que esse trabalho renda bons resultados para a nossa formação e para a melhor compreensão dos elementos que estruturam a narração de histórias infantis para crianças no Pacto pela Educação na Idade Certa.

## **6. PROCEDIMENTOS METODÓLOGICOS**

A pesquisa é fruto de uma inquietação, dúvida, incerteza, decorrente da busca do pesquisador, ou dos pesquisadores em delimitar um problema, em descobrir algo. Desse modo, o nosso projeto de pesquisa, será de natureza qualitativa, justificada pelo fato de dar ao pesquisador uma visão ampla do ambiente e do sujeito pesquisado, conseguindo perceber significados e outras variáveis que não podem ser reduzidos à quantidade. Para Chizzoti:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está

possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (2005, p.79).

Esta pesquisa será de cunho etnográfico, pois, este tipo de investigação vem ganhando ênfase para se trabalhar com questões educacionais. Para Lakatos (2010), a técnica chave dessa metodologia é a observação, sendo essencial na nossa pesquisa, já que vamos trabalhar com grupo de estudantes do segmento infantil.

A observação ocorrerá na Escola Municipal Rômulo Almeida, situada na cidade de Guanambi-BA, no qual teremos como sujeito da pesquisa estudantes da referida escola, tendo também como participantes as professoras regentes. Os dados serão coletados através de questionários, registros e principalmente observações participantes no cotidiano escolar das crianças. É importante salientar que a escolha das turmas parte preferencialmente da idade dos alunos, sendo de 6 a 7 anos, pois cada faixa etária aponta uma destinação da literatura infantil, e é também o 1º ano das crianças no ciclo de Alfabetização do Pacto.

A nossa revisão bibliográfica terá como autores Coelho (1990) que traz importantes contribuições sobre as diversas artes de contar de contar histórias, Novais (1997), Lakatos (2010), Abramovich (1991) e Busatto (2003), bem como o Ministério da Educação trazendo informações relevantes sobre o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

Deste modo, a partir das técnicas e abordagem utilizadas, e dos dados obtidos, buscaremos compreender como os alunos se envolvem com as histórias narradas, bem como reconhecer o prazer dos mesmos em ouvi-las, que impulsiona o conhecimento, sua relação com os colegas e com o mundo que lhes é apresentado.

## **7. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O ato de ouvir e contar histórias podem estar presentes nas nossas vidas, desde que nascemos, pois aprendemos por meio das experiências que ouvimos, através do que os outros nos contam e a partir delas ampliamos nossos conhecimentos. Considerada uma arte, contar e ouvir histórias nos possibilita uma relação com a leitura e a literatura.

Mas, afinal, o que fazer para que essas amarrações sejam reveladas através das histórias?

Desse modo, como toda arte, a de contar histórias deve comover, emocionar, promover a sensibilidade. Primeiro é preciso que o narrador crie estratégias, independente de ser contadas ou dramatizadas, só é preciso um pouco mais de integração na história, se sentir como os personagens, pois só assim despertará na criança, em seu imaginário, a curiosidade, a criticidade e principalmente o prazer em ouvi-la. Segundo, o narrador/professor pode contá-las em sala de aula fazendo gestos, imitando vozes diferentes, fazendo pausa nas falas em ritmos diferentes para cada personagem, imitando diversos ruídos para despertar o maior interesse da criança. É essencial também olhar fixamente para cada criança, dando espaço para sua imaginação e curiosidade, vivenciando na ficção as dores, tristezas e alegria dos personagens, como salienta Coelho (1990, p.11):

A força da história é tamanha que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidades, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e enleva. A ação se desenvolve e nós participamos dela, ficando magicamente envolvidos com os personagens, mas sem perder o senso crítico, que é estimulado pelos enredos.

Nesse sentido, Abramovich (1991) ressalva que, ao narrar histórias o professor/contador deve fazer o uso simples e harmônico da voz, fazer bom uso da expressão e entonação, repassando sentimentos com clareza, por isso, a importância da preparação do professor. Ainda para Busatto (2003) contar história não é um ato simples e banal, pelo contrário, é uma arte que requer preparo do educador, para que estes possam levar os alunos à imaginação e ao encantamento.

Na contemporaneidade, há uma série de recursos didáticos que podem ser explorados pelo professor, que vai desde simples fantasias, objetos, livros personificados e atrativos, fantoches, desenho dos personagens em diversas situações na própria lousa, além dos efeitos musicais a materiais de recorte colagem. Também existe uma infinidade de histórias destinada ao público infantil, que constroem sua identidade, considerando sempre a fase da criança, que vai desde “Menina bonita do laço de fita” que trabalha o respeito racial, “João e o Beto” reforça higiene, “A cesta de dona Maricota” ensinando a se alimentar bem, “Confusão na floresta” reflexão de que não devemos acusar os outros sem ter provas, “Os dez ursinhos” que ensina a noção de números de forma atrativa, entre tantas outras. É essencial se atentar pela

escolha de uma boa história para que esta, não tenha como único objetivo de ensinar algo, mas despertar ao leitor/ouvinte o prazer. Para Coelho (1990, p. 12):

Há quem conte para enfatizar mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem (...). A história aquieta serena, prende a atenção, informa, socializa, educa. Quanto menor a preocupação em alcançar tais objetivos explicitamente, maior será a influência do contador de histórias. O compromisso do narrador é com a história, enquanto fonte de satisfação das necessidades básicas das crianças. Se elas as escutam desde pequeninas, provavelmente gostarão de livros, vindo a descobrir neles histórias como aquelas que lhes eram contadas.

Ainda, para a autora (1989), além da escolha da literatura, é extremamente importante atentar-se a idade do ouvinte, pois na fase de 0 a 3, as histórias devem ser voltadas para a realidade da criança, ou seja, narrações sobre pais, irmãos, sítio, casa, bolo, bichinhos, já de 3 a 6 anos, talvez por ser o momento dos desejos, anseios, curiosidades, a criança tem grande interesse por histórias de repetição e acumulativas além dos contos de fadas.

Os contos podem ser facilmente dramatizados por uma única pessoa, no caso o professor, com apenas objetos simples como a coroa, ou o sapatinho a varinha mágica Cinderela; a maçã, o lenço da velhinha, o espelho para Branca de Neve; a cesta ou uma capa vermelha para chapeuzinho vermelho, etc. É interessante também que a história seja contada mais de uma vez, pois assim, a criança observa algo novo após a narração.

Reconhecendo a importância do ato de contar histórias, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa destaca em sua programação que:

Aos oito anos de idade, as crianças precisam ter a compreensão do funcionamento do sistema de escrita; o domínio das correspondências grafofônicas, mesmo que dominem poucas convenções ortográficas irregulares e poucas regularidades que exijam conhecimentos morfológicos mais complexos; a fluência de leitura e o domínio de estratégias de compreensão e de produção de textos escritos (Brasil, 2011).

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental.

Destaca ainda, que o desenvolvimento das capacidades de leitura e de produção de textos que ocorre durante todo o processo de escolarização, mas deve ser iniciado logo no início da Educação Básica, garantindo acesso precoce a gêneros discursivos de circulação social e a situações de interação em que as crianças se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias.

Na portaria nº 867 de 4 de julho de 2012 é relevante destacar três dos objetivos do Pacto Nacional elencados no artigo 5º: I-garantir que todos os estudantes dos sistemas públicos de ensino estejam alfabetizados, em Língua Portuguesa e em Matemática, até o final do 3º ano do ensino fundamental; III melhorar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) e IV- contribuir para o aperfeiçoamento da formação dos professores alfabetizadores.

Assim, ver-se que a importância da arte de contar histórias na Educação, desde que aconteça de forma prazerosa, despertando nas crianças as mais variadas sensações, descobertas, e aprendizagens sem necessariamente forçar determinados conteúdos.

## **CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES**

O presente projeto encontra-se em pleno desenvolvimento de suas fundamentações teóricas, observações, coleta de dados em seus aspectos qualitativos para que ocorra a organização e início dos capítulos do Trabalho de Conclusão de Curso que tem como o tema: A arte de contar histórias: uma reflexão sobre o evento para gostar de ler no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

Nesse sentido, queremos fundamentar uma reflexão sobre o “evento para gostar de ler”, que apresenta a leitura de forma prazerosa para crianças de uma Escola do Município de Guanambi-BA e, mediante a tal, abordagem iremos analisar a concepção do ato de ler como algo que encaminha a criança rumo ao despertar para o encontro e o deleite infantil frente aos relatos narrados.

## 8. REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 2.ed. São Paulo: Scipione;1991.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

COELHO, Maria Betty. **Contar histórias: Uma arte sem idade**. 3° ed. Editora ática: São Paulo, 1990.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**. 6° ed. Editora Ática: São Paulo, 1997.

CHIZZOTI, Antonio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. **Entendendo o Pacto: Alfabetização. Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa**. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/component/content/article/2-uncategorised/53-entendendo-o-pacto> . Acesso em: 29/03/2015.

Portaria nº 867 de 4 de julho de 2012. Institui o Pacto pela Educação na Idade Certa e as ações do Pacto e define suas diretrizes gerais. Disponível em: [www.pacto.gov.br](http://www.pacto.gov.br) . Acesso em: 29/03/2015.